A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

NUMERO 23 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

O tragico afundamento do "Lilyada"

(Reconstituição segundo depoimento dos naufragos).

No cabo da Roca, os dois vapores "Cabo Menor" espanhol e "Lilyada" italiano, chocaram violentamente afundando-se o ultimo em menos de dois minutos. A nossa pagina representa o momento tragico em que o capitão Cafiero, não querendo abandonar o seu barco é tragado para sempre pelas, ondas.

O DOMINGO ilustrado

ANO I — N.º 23

LISBOA 21 DE JUNHO DE 1925

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA — EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. da Rosa, 99

questão prévia

Os senhores lembram-se daquele tarasconez barbudo e crestado, Excourbaniés de apelido, que atravessa os tres volumes da epopea do bravo Tartarin de Tarascon?

Talvez se não lembrem ou talvez não conheçam, porque Daudet, não está positivamente em moda e se por vezes este apelido ilustre agarece nas colunas dos jornaes ou sôa nas palestras dos cafés literarios é para celebrar um descendente, e as Tropelias da "Action Française,,.

Pois esse Excourbaniés, especie de bufalo de péle curtida ao sol provençal, com matagais espessos de barba que lhe irrompem do nariz e das orelhas, confinando com as sobrancelhas e ligando-se á cabeleira crespa e revolta, é na obra de suave ironia do novissimo Daudet, uma especie de sacerdote oficiante do culto meridional do barulho, da chinfrineira comemorativa, da alegria exteriorisada em algazarra. A sua voz metalica de «goug» ressoa atravez das aventuras do grande Tartarin, lançando o seu grito de guerra no dialecto nativo: «Ah!... Ah!... Ah!...» Fén dé brut!...», que é como se disse-se: façamos barulho, gritemos pelo puro prazer de gritar.

Tudo serve de pretexto para a inferneira ao gritador tarasconez. Tartarin regressa da Argelia, perseguido pelo seu fiel camêlo? A voz de Excourbaniés supéra os uivos do «mistral» que encrespa o Rodano: «Fén dé brut!» Tartarin, apetrechado de alpinista, vai tentar a escalada da Iungfan? Os urros de Excourbaniés acordam o lugubre silencio das neves eternas e repercutem-se nos concavos dos Alpes: «Fén dé brut!» Finalmente, na longinqua ociania, Tartarin, governador da colonia de «Port-Tarascon, faz frente a uma sublevação, em que os revoltados empunham espingardas e guarda-chuvas e restabelece a confiança entre os colonos com a afirmação soléne de que o alho não faltará? O entusiasmo de Excourbaniés transborda perante a vitoria do governo da mesma forma por que antes incitava os sublevados: «Fén dé brut».

Casamentos, baptisados, sessões solénes, mesmo funerais, tudo constitui pretexto para gritaria, clamor, dissonancia e estampido. Excourbaniés realisa, na sintese caricatural admiravel de Daudet, o gosto meredional dos ruidos que caracterisa os latinos em cujas veias ha tres quartos de sangue mouro, desse sangue que referve e delira com a «festa da nobresa» que tem fama em todo o norte da Africa.

* *

Estareis perguntando aos vossos mais intimos botões a que proposito fui eu desenterrar esta barulhenta figura da galeria tarasconeza de Daudet.

Mas a proposito das festas populares da ultima semana, meus senhores. A morte de Camões, como a noite de Santo Antonio, assinalaram-se por este ruido insolito de polvora queimada, de cornetas de barro uivando nos quatro cantos da cidade e pelo clamor desencontrado de milhares de bocas que, sem ritmo e nos mais disparatados tons, a pretexto do epico e do taumaturgo, nos azoinaram os ouvidos até alta madrugada, convidando-nos a reparar no balão, que por força de rima é tambem balãozinho e que, não se limitando a essas funções, ainda por cima e para maior arrelia vai na ponta do pausinho—a mais estupida criação da musa popular nos ultimos anos.

E já os senhores repararam em como esta alegria gritada e barulhenta, com guinchos em vez decanções, tem um lamentavel aspecto de ser pedida de emprestimo ás vinhas de Torres, mesmo quando o não é?

Grafologia

Chamamos a atenção dos nossos leitores para esta secção, na qual é tratado «a serio» o problema da grafologia—o uo estudo dos caracteres atravez o manuscrito.

Trata-se duma sciencia positiva e reconhecida como tal em todo o mundo.

O PASSA-TEMPO DA MODA

palavras crusadas

(uma nova secção de O DOMINGO ilustrado)

Está a assumir lá fóra todas as caracteristicas de uma verdadeiro acontecimento este simples passatempo que hoje inauguramos, em português para os nossos leitores. Em Inglaterra, exgotam-se sucessivas edições de dicionarios, em que os amadores vão procurar palavras convenientes; — nos Estados Unidos, foi o jogo expressamente proibido aos maquinistas do caminho de ferro, pois provocou distracções que causaram dois descarrilamentos.

Passamos a explicar em duas palavras as regras deste absorvente passatempo.

No rectangulo que juntamente publicamos, rodeando e preenchendo as iniciaes do «Domingo Ilustrado», encontram-se para cima de 100 palavras ou signaes expressos por letras, correspondendo uma letra a cada quadrado em branco.

Essas palavras estão escritas horizontalmente, (sempre da esquerda para a direita) e verticalmente (sempre de cima para baixo).

Os quadrados cheios marcam, em ambos os sentidos, o principio e o fim das palavras. Assim, a mesma letra pertence frequentemente a uma palavra horizontal e a uma palavra vertical.

Os numeros impressos em grande parte dos quadrados em branco, servem para ir consultar na «Relação Explicativa», horizontalmente e verticalmente, (ou só num dos sentidos, conforme a disposição dos quadrados) qual o sinonimo correspondente á palavra que se pretende adivinhar. Desta forma, contando os quadrados em branco, (que correspondem ao numero de letras) e sabendo o sentido da palavra, quem procura adivinhar essa palavra tem dois elementos importantes para o conseguir; acrescentaremos que, muitas vezes, já adivinhadas algumas palavras que cruzam com a que procuramos, aquelas nos fornecem letras intermedias desta, o que facilita a decifração.

Hoje, para os nossos leitores mais facilmente entrarem em materia, pomos o problema e damos logo abaixo as decifrações; facil se tornará pois, escrevendo as palavras nos quadrados em branco, verificar que as cem palavras se cruzam numa rêde perfeita em torno das iniciaes do nosso jornal.

A partir dos proximos numeros, daremos em cada «Domingo» um problema novo, e a decifração do problema do numero anterior.

N. B.—Na grafia das palavras ha uma inevitavel liberdade.

Os acentos e cedilhas, para o cruzamento das palavras, não são tomados em linha de conta.

Iremos publicando as «Palavras Cruzadas» que os nossos leitores nos enviarem, desde que as acompanhem as decifrações, para as verificarmos, e desde que o poligono tenha um desenho harmonico, não inferior a doze quadrados por lado.

RELAÇÃO EXPLICATIVA

HORIZONTALMENTE

-1-vi escrito-3-nome de mulher-7-artigo plural-9-para limpar metais-12-pedra-13-artigo plural-14-moeda estrangeira-16-pronome-18-pronome latino-20-para o combate-21-calma-23-citação-26-nome de homem-28-bicho-29-nome celebre da antiguidade-30-saltaste-31-abandonados-33-veste-34-andar-37-intejreição-39-na agua do mar-42-malas-45-progenitor-46-oferta-47-a terceira pessôa-48-duas letras de fada-49-chefe-50-pateia-53-desolado-54-trez letras de Cristo-55-trez letras de Camões.-56-o pseudonimo de uma ilustre escritora portuguesa-57-terminação verbal-59-interjeição-60-negativa-61-pedira-62-pede-64-egual-66-áqueles-67-naquela-68-artigo plural-69-bichos-70-espaço de tempo-71-alturas-72-pronome-73-pais-78-no céu-83-fama-84-ai-85-iniciais freqüentes na musica-87-acolá-89-ui-91-áquele-93-suceder-96-«torta»-97-tempo-98-opereta-99-para a guerra-100-o Tejo.

VERTICALMENTE

1-na musica-2-furia-4-pessima-5-existes-6-segrêdo-7-tactear-8-titulo estrangeiro-10-na musica-11-na musica-15-nome de mulher-16-sóva-17-cheguei-19-terminação adjectiva (masculina)-22-andavas-23-lar-24-pronome-25-duas letras de Camões-27-artigo plural-32-satisfaz-se-34-para o matadouro-36-região estrangeira-38-brisa-39-calma-40 estrangeiro-41-que não oficiam-43-por coser-44-has-de transpirar-45-guia-46-preposição-48-fluido-51-cinco letras de mariposa-52-permeavel-54-país-58-consorcie-se-59-parte de um edificio-63-bicho-65-escritor celebre-71-géme 74-astro-75-o amor-76-pessima-77-despido-79-corpos quimicos-80-possuir-81-está alegre-82-anda-85-oferecer-86-muitos-88-tanto-90-andar-92-artigo plural-94-aqui-95-onde estou-96-na musica.

(Continuação na pagina 8)

comentarios

Dinheiro!

Mal sabiamos ao redigirmos o ultimo comentario que publicamos sobre a desegualdade de vencimentos das duas classes priveligiadas do Estado—Congresso e Correios—e do resto do funcionalismo, que receberiamos tanta correspondencia sobre o assunto.

De facto algumas dezenas de cartas de varios pontos da provincia chegaram a esta redação dando um apoio entusiastico ao nosso pequeno eco. E' que milhares de familias luctam hoje com essa mesma miseria dourada do funcionalismo e não podem ver sem revolta a situação inverosimil que levianamente se creou para uma parte dos servidores do Estado. Não andamos longe da verdade se afirmarmos que essa questão, pelo menos no que respeita ao exercito, é altamente grave para todos.

Ora toma, Mariquinhas!

De vez em quando aparece nos jornais o retrato dum digno cavalheiro, de decorativa bigodeira e respeitavel ar. E' o do «doutor» Henrique de Carvalho, director dum «instituto» que preparou «em tres mezes, com distinção, um policia» para exame primario, e que nesse dia faz anos. O «pedagogo» em questão num dos seus luminosos aniversarios publicou por baixo do seu retrato uma legenda em que se dizia auctor das »Heroinas da Rotunda» e da revista em preparação «Ora toma, Mariquinhas...»

E' como os leitores veem um especimen curiosissimo. Mas o mais curioso é que o tal «Doutor», ao que nos afirmam, nunca o foi, e usa e abusa desta categoria «honoris causa» para atrair os incautos aos seu milagres educativos.

O que nos parecê preciso é chamar a atenção dos conselhos universitarios para este desprestigio dum titulo, cujo uso, a ser ilegal, é uma original e autentica burla.

E, a verdade é que dum cavalheiro cujo indice mental é o «ora toma, Mariquinhas», não ha, intelectualmente nada, a esperar.

O Pudor da Beleza

Na Rua do Alecrim, uma mulher linda, sentada sobre o degrau dum portal, estendia, nua e terrivel até ao joelho, aos olhares dos que passavam, o aleijão duma perna—e escondia, com cuidadoso recato e sincero pudor a outra perna.

No entanto, esse pedaço de carne morta, que ela mostrava, era uma parte do seu corpo, pertencia aquele rosto belo, e ligava-se a uma anca talvez formosa e a um dorso decerto perfeito. E ela no entretanto exibia-o, sem sombra de recato.

Que estranha teia ha então, de convenções, que impõe mais pudôr á beleza do que á macula, mais misterio ao belo que ao imperfeito e mau?

O SEGURO MORREU DE VELHO

—Minha sogra esqueceu-se disto . . .
Bem sei que está fóra, mas adesar disso não estou tranquilo . . .

—Ah! assim é outra coisa . . .
A fisionomia é tudo . . .

Crónica alegre

A MINHA RUA

A rua onde móro é como todas as outras, impessoal e intranzitavel e á vista desarmada, não apresenta qualquer motivo de analise ou restea de particularidade onde a atenção se prenda. Compõem-na uns tantos predios que pareO que abriram fila para a rua passar. ces numeros são pares de um lado e impares do outro, as janelas estão abertas ou fechadas consoante o paladar dos moradores e é iluminada á noite por quatro candieiros apagados que lhe dão uma tonalidade de agua extremamente forte e gravam nas esquinas, escudos de pesadelos, onde muitas vezes se adivinha o brilho de uma navalha de ponta e mola, em busca de intestino delgado e carteira grossa.

A minha rua serve-me só para lá ficar a casa onde móro. Nunca me perdi a vêl-a mais do que quando vou deitar-me.

Até ontem, supuz que ela fôsse uma rua habitada, sujeita ás negaças da Camara Municipal, á ausencia dos policias e á abundancia dos gatos, uma rua vulgar de Lineu, como dizem os municipes quando em sessão ordinarissima, discutem o nosso mal estar citadino.

Mas hoje de manhã, tive a fantasia de chegar á janela e, sem saber porquê, talvez porque no meu anterior «avatar» fui donzela namoradiça, para ali me deixei estarrecer durante meia hora, contemplando a minha rua.

Na cave do predio, que fica na minha frente ha um alfaiate. Um alfaiate modesto, d'aqueles que ainda põem muitos botões nos fatos e lavam a fazenda antes de a cortar. As suas aspirações não devem ir muito alem de uma duzia de carrinhos J. P. C.

Usa oculos, o que lhe dá a aparencia de um «nibelungo» reduzido á condição de albardeiro reles, e trabalha em mangas de camisa para não desmentir o ditado: «em casa de ferreiro, casaco de «zefir».

Em cadeiras baixas, duas raparigas armadas em mestres-de-obras, abrem casas nos coletes para acudir á crise da habitação entre os botões. E um canito magrizela, especie de linguiça com pés e rabo, entretem-se a roer um carrinho vazio, certamente na grata ilusão de que tem entre os dentes, a perna tenra de qualquer galinha córada.

O alfaiate, puxa os oculos para a testa e vem fazer uma festa carinhosa no queixo d'uma das raparigas e ao mesmo tempo, para equilibrar, prega um pontapé no canito que larga o carro e vae para um canto gritando pelo irmão de Abel.

No rez-do-chão, ha uma varanda com dois ou trez vasos, d'aqueles vasos que só servem para deitar agua e crearem formigas. Pela janela lobriga-se o interior da casa: um quarto com oleografias nas paredes, uma maquina de costura e uma tabua de engomar.

Lá dentro parece que só vivem mulheres. Duas senhoras de cabelo grisalho e duas meninas de cabelo escuro.

A casa de costura parece uma casa de correção. Tudo trabalha.

Uma faz renda, uma renda miudinha que naturalmente se destina a algum passador de tomate; outra borda, outra cose roupa branca e a quarta faz com lãs de côres, paisagens africanas em pedaços de fazenda preta. E' esta pequena que desperta mais a minha atenção. Usa os cabelos cortados á «garçonne» e as mangas do vestido cortadas á escovinha.

Pela ligeireza com que enfia a agulha no tecido, estou em crêr que desde que nasceu está ali agarrada ao bastidor puxando e repuxando os fios de lã, n'uma monotonia capaz de enlouquecer qualquer idiota sem juizo.

Procuro vêr o que representa a figura que está fazendo mas a minha optica sofre horrivelmente. Ora me parece um chapeu de chuva azul com um cravo de cabecinha cinzento atravessado na ponteira, ora julgo ver uma comoda Luiz XVI em amarelo com

uma maquina de escrever a côr de rosa em cima e um par de piugas penduradas em baixo.

Afirmo-me mais e estou em crêr que se trata simplesmente de um papagaio verde e de uma cabeça de preto a lilaz, mas não, vendo melhor é um fidalgo de espada na mão a fritar ovos sobre um par de suspensorios! Tambem não! Ah! Agora! E' um barco carregado de predios navegando n'um mar de cabeças de creança e botas de atacadores! E' isso com certeza! Mas por cima do barco parece que está tambem qualquer coisa! E' um garrafão! Não . . . é uma bengala, tambem não! Finalmente, achei!

E' um par de chinelas com um an-

jinho no meio segurando uma camisa de bico aaer!

Não compreendo a simbolia d'aquela trapalhada, nem entendo o que tem um barco com um par de chinelas, mas a pequena está tão aplicada ao trabalho, tão convencida de si propria, tão ligada á manufactura da sua empreza, que eu, invejando-lhe o ar feliz e convencido, aquela certeza tão certa, não posso deixar de intimamente a admirar. E fico-me n'isso quando de subito ela se levanta e, com um cuidado que mostra bem a anciedade que subitamente a tomou, vae regar um dos vasos, onde uma herva trepadeira mal desponta.

No andar de cima ha uma nespereira na varanda; a classica nespereira das janelas alfacinhas, que serve muito bem para chamar as ósgas e tem o significado prestimo de dar uma nespera enfezada de cinco em cinco anos. Aquela da varanda é como todas; uma rachitica arvoresita de oito palmos e meia duzia de folhas.

Na ponta, um fructo amarelo resiste como um homem ás intemperies d'este radioso verão. Subito, um garoto chega á janela e surrateiramente, vae-se chegando para a nespereira. Tenta disfarçar e depois estendendo a mão a espaços, vae empalmar a nespera, quando um chinelo vindo do interior da casa, lhe dá em cheio na cabeça.

Na agua-furtada, um gato, espreguiça-se ao sol, em gestos cheios de *splen*, de aborrecimento, de nada em que pensar. Levanta-se vagarosamente estira as pernas trazeiras n'um gesto de corredor que se lança e, de rabo no ar, passa para outro telhado, depois para outro, dá a volta inteira, zombando da vertigem e das negaças das gentes que o apontam dizendo:

—Corre esse gato vadio, que pode ir ao canario!

—Enxota esse maldito que é capaz de sujar a roupa!

E o gato indiferente a tudo, passeia, salta, corre, como lhe dá na gana, escudado na sua condição de vadio que o muito que consente é que o enchotem de quando em quando. Fico-me a ver aquelle pária do telhado, que se alimenta dos restos da comida que de proposito se faz para os seus colegas de estimação, mas que não está sujeito como eles a caricias importunas e a desvelos fóra de horas. Anda por onde quer, passeia por onde gosta e assim vive e um dia morre, refilando sempre quando lhe pizam o rabo e não dando contas a ninguem do que fez, faz, ou tenciona fazer. Não é de ninguem, e como é vadio, ninguem lhe exige honradez, limpeza, fineza de caracter, honestidade, vergonha e mais todas as outras maleitas a que estão sujeitos os que fazem alguma coisa.

E emquanto fecho a janela, lastimo intimamente o facto de não ter nascido gato maltez.

Henrique Roldão

Má língua

CARTA DA ALDEIA

Escrevo-te á beirinha de um ribeiro
que a trovoada encheu a trasbordar.
Refresca-me a penumbra de um salgueiro.
Ao longe, ouvem-se vozes a cantar.

Ha pelo ar uma calma bonançosa,
um não sei quê de Primavera suave.
Numa doce cantiga lamentosa
a nóra conta os seus queixumes de ave.

A mordedura secca das enxadas
rasga aqui perto a terra de uma leiva,
onde seis oliveiras tresmalhadas
ergem os braços tumidos de seiva.

E eu sinto uma latente enbriaguez
adormentar-me o ancioso coração,
que outróra sacudiste tanta vez,
de tanta dolorida pulsação . . .

. . . .

A minha pena, é só que nestas linhas
onde vês blasonar tanto "á vontade",
da forçada mentira que adivinhas
não se salve um reflexo da verdade.

Escrevo-te do quarto em que estiveste,
noutras horas mais cheias de harmonia;
—e onde este coração que conheceste
continua a bater, como batia.

TAÇO

EVIDENCIA

—Doutor, estou muito mal, sinto-me morrer . . .
—Nesse caso fez muito bem em me chamar.

Secção de grafologia

o caracter revelado pela caligrafia

ESTUDOS FEITOS SOBRE AUTOGRAFOS

AFONSO LOPES VIEIRA (poeta)

Otimismo. Idialismo. Amor ao requinte. Originalidade até no trato. Caracter impaciente mas bom. E' preguiçoso e engana-se a si proprio nas paixões. Prodigo. Doença nervosa, se não a tem, terá.

TRINDADE COELHO (escritor)

Nervos fortes e mal dominados. Independencia de caracter. Bom gosto. Amor ao conforto e aos livros. Vivacidade. Sentimento da poesia. Inteligencia clara e audaz. Cultiva o passado. Reserva absoluta. Muita confiança em si proprio.

ALEXANDRE DE AZEVEDO (actor)

Podia ter nascido um «D'Artagnan», mas não é. Protesta energicamente por coisas que o não interessam, mas sempre contemporisa. Muito portuguez mas dizendo o contrario. Está convencido que tem muitos amigos. Sofre a influencia de tudo e de todos. Nunca pensou mais de meia de hora em qualquer assunto. Queria ser mais reservado do que é. Inteligencia pouco cultivada. Afavel.

JULIO DANTAS (escriptor)

Vontade mediana e indecisa. Temperamento subtil e doce. Grande intuição de feminilidade. Ideias independentes não confessadas. Trato afavel. Preocupa-se em parecer aquilo que quer parecer mas que não é. Generosidade muito entendida. Ordem. Pulcritude. Morte vulgar e impopular. Preocupação constante de adoecer.

JOSÉ PACHECO (arquiteto)

Vontade incerta. Segue na vida um caminho certo. Má saude. Fala pouco e de vagar. Originalidade. Sensualidade forte. Setico e sem vaidade. Grande sentimento de proteção. Exaltação mistica. Acidez.

EDUARDO SCHAWALBACK (dramaturgo)

Bastante órdenado e cuidadoso. Dignidade que não chega a orgulho. Vivacidade e tenacidade. Economico sem cair no ridiculo. Desconfia por natureza mas custa.lhe guardar um segredo. Apressado e trabalhador—Tem ideias originaes, mas não se deixa arrastar por elas. Memoria fraca. Otimismo.

ROBLES MONTEIRO (actor)

Vontade media. Complica o espirito e fatiga-se por ninharias. E' o que não desejava ser: actor. Caracter brando, sempre disposto a perdoar. Inteligencia intuitiva mas não cultivada. Trabalha muito. Alto conceito de si proprio. Alegria fingida.

RAUL LINO (arquiteto)

Generosidade. Bom senso. Idialismo. Pulcritude e amabilidade. Orgulho isento de vaidade. Fraze viva e oportuna. Gosta de viver bem. Sensualmente apaixonado. Momentos agressivos. Não se retrae para favorecer um amigo, quando isso o não incomoda muito.

EMILIA D'OLIVEIRA (atriz)

Hipocrisia. Vaidade extremamente intima mas não confessada. Boa memoria. Facil assimilação de tudo. Não pode guardar um segredo mas domina-se com facilidade. Muito nervosa. Habitos elegantes. Otimismo. Sensualismo cerebral. Ordem. Desmazelo economico

RESPOSTAS A CONSULTAS

(Devido á falta de espaço, não podemos publicar toda as respostas a consultas recebidas por A DAMA ERRANTE e que são em grande número. As consultas são numeradas á entrada e assim, irão sendo publicadas por ordem de recepção.

X. P. S.—Espirito irrequieto. Falta de vontade e de memoria. Propensão para o conflito. Grande sensualidade. Prazer pelas aventuras. Egoismo e desconfiança exagerada.

MARIA AUGUSTA.—Todas as pessoas, quando escrevem envelopes, cuidam mais a caligrafia. Na contingencia de formar uma analise errada, seria melhor procurar um outro papel escrito, que não fosse o envelope.

ALFREDO ISIDORO RIBEIRO,—Fraca vontade. Ordem. Vaidade não exagerada. Deixa-se arrastar por generosidades mas arrepende-se. Propensão para as matematicas. Egoismo. Idialismo. Espirito religioso sem exagero. Terror das resoluções. Reserva e pessimismo. Irrascivel.

PRINCIPE DE TREFLE.—Gosto pelo fausto. Prodigalidade e sensualidade. Não é reservado. Bom gosto, principalmente por mulheres. Fala alto. Gosta de mentir. Não pensa muitas vezes a serio porque isso o aborrece.

FLOR DE LOTUS.—Peço-lhe a fineza de escrever em papel não pautado. E' tambem preferivel escrever em prosa. Quando se escrevem versos, principia-se geralmente no mesmo ponto do papel e isso prejudica o estudo.

AUSTERO CAVALEIRO.—Ordem e economia. Pensa com grande calma e calculadamente. Deve ter um livro de apontamentos intimos... Inteligencia clara. Simples; nos habitos mais intimamente orgulhoso. Fala pouco. Despreza as coisas inuteis. Sensualmente cerebral. Não discute. De quando em quando, sofre de ataques de trabalho.

CARDIAL DE GECHO.—Grande força de vontade. Caracter calmo. Pensa bem as coisas antes de tomar uma resolução. Exageradamente afavel. Grande sensualidade. Boa memoria sem cultivo. Vaidade. Habilidade manual. Aceiado. Deve ter as mãos bonitas.

CARDO.—Extraordinaria vaidade. Desiquilibrio nervoso. Agressividade. Amor á discussão. Vivacidade. Otimismo. Bom gosto. Saciavel.

Quer saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhada de um escudo para—«*A DAMA ERRANTE*».

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

1

Qual é o jogador de foot-bal mais correto, cujas atitudes mais assombram pela elegancia, pela linha, pela audacia?

Eleito: ....

Eléitor: ....

FOOT-BALL

UM GRANDE PASSO PARA A FRENTE

O I Portugal-Italia

E AS SUAS CONSEGUENCIAS

Está ainda bem no espirito e mais que no espirito, na alma popular, a vibração formidavel que constituiu a primeira victoria internacional de Portugal.

País pequeno, novo no foot-ball, pobre de recursos financeiros, falho de cultura sportiva, sem preparação nem «edade» no grande «sport» Portugal vence e vencerá sempre que consiga dominar os seus excessos. O IV Portugal-Espanha fructificou. Os homens que vieram para o campo na quinta-feira traziam a consciencia das maiores responsabilidades.

As suas preparações e as suas ferias foram mais longas e mais perfeitas, o seu treino internacional maior, a sua confiança mais firme.

Ganharam e ganharam bem os portuguêses. Pequenas dificencias tiveram—como as tiveram os italianos tambem, o que não quer dizer, que o «match» do Lumiar não fosse, sob todos os pontos de vista, um espectaculo de grande classe desportiva digna de se passar em Wembley.

O relato do jogo está feito, pelos diarios e pelos jornais da especialidade. Aqui cabem simples notas de comentario e reportagem. João Francisco que é já hoje uma gloria nacional do sport, no ataque, e Jorge Vieira, capitão de equipe, e Francisco Vieira estiveram sobremaneira activos, felizes, vibrantes sempre de entusiasmo.

«Tamanqueiro»—e não lhe tiramos o seu pitoresco «sobriquet», esteve um jogador de primeira fórma, entusiasmando a assistencia com o seu jogo espectaculoso e oportuno.

Resumindo: o primeiro encontro Portugal-Italia, pelo facto da Italia ter uma colocação defenida nos «scores» mundiais, trouxe-nos uma bela situação de referencia.

Facilitou grandemente o encontro Portugal-França que não tem sido possivel. Colocou Portugal na grande linha do boot-baal latino (em que apesar de tudo já estava).

Levantou o moral desportivo no paiz e trouxe a causa do sport muitos novos entusiasmos.

Bem hajam pois, os rapazes que compozeram o onze nacional!

Notas á margem

A ORGANISAÇÃO DA PROYA

Os bilhetes «beras»

Temos em muita consideração a comissão organisadora do Portugal-Italia. O Sr. Dr. Salazar Carreira, ilustre desportista é mesmo amigo deste jornal. Tudo nos leva a crer que apenas a um lapso foi devido o seguinte incidente, mas para que ele se não repita aqui o relatamos.

Dirigimo-nos á União Portuguesa de Foot-Ball requisitando os bilhetes que de direito pertenciam a este jornal. Já aqui, não comprehendemos bem como para uns jornais se vão levar os bilhetes e para outros é preciso lá ir pedi-los. Mas adiante.

Foi-nos fornecido o cartão de fotografo e um de livre transito: o que pedimos.

Simplesmente o livre transito era «bera», embora aos fosse entregue no escriptorio do sr. Raul Vieira, á R. da Prata. Era um «livre trasito» que não dava transito nenhum, um livre transito talvez para vendedores de jornais, não para jornalistas, que tem uma missão a cumprir.

Um pae

O pae de Raul de Figueiredo, assistiu ao desafio. Era um bom tipo de velhote, comunicativo e alegre. Num intervalo beijou muito o filho, abraçou-o com as lagrimas nos olhos, e dizia: Isto faz bem! Isto faz bem! E muita gente teve os olhos humidos ao presenciar na sua simplicidade a scena de ternura do bom algarvio.

Um pontapé

Um jogador suplente, cujo nome não citamos para o não envergonhar, porque um espectador lhe disse qualquer piada, saltou um pequeno muro e deu-lhe um «shoot» na cara. Foi uma leviandade e uma incorreção impropria dum «sportsman» de categoria. Convinhamos em que a piada foi grosseira e despropositada, mas para isso lá está a policia para castigar o atrevido, sem que um jogador «internacional» perdesse a linha e a compostura precisas.

O NOSSO CONCURSO DE FOOT-BALL

O nosso grande concurso de foot-ball continua atraindo inumeras atenções no meio desportivo. Sabido que o «Domingo ilustrado» é um grande semanario sem perfilhações partidarias nem preferencias clubistas, esta eleição tem todo o volor por ser feita num campo neutral. Recortar o selo e votar, pois! Damos hoje alguns dos inumeros votantes de Francisco Vieira.

Votam em Francisco Vieira:

Alberto Barata
Filipe Marques
Augusto Simões
Caetano Simões
José Simões
Cosme Lopes
Fernando Franco
José Gonçalves
Moisés Fonseca
Mario Heitor Viegas
A. Nunes Correia

Cinemas, teatros e circos

UM INQUERITO CURIOSO

A proposito das representações de Mimi Aguglia

Qual é a melhor "Dama das Camelias,, que se tem visto em Portugal?

Durante um intervalo das representações Mimi Aguglia, quando ainda pairavam no ar da Sala de S. Carlos os suspiros e as lagrimas da pobre «Gauthier», alguem se lembrou de fazer um rapido inquerito na plateia. Qual a «Dama das camelias» que melhor tem sido representada em Portugal?

Ahi vão, ao acaso dos logares da sala, as opiniões varias.

JOSÉ PARREIRA—o conceituado critico de O Seculo, diz: Não tem discussão. Para mim é a Sarah Bernardt.

JORGE DE FARIA—o erudido comentador de «O Diario de Lisboa», afirma: Quem mais me impressionou de todas foi a Vitaliani.

MATOS SEQUEIRA—um critico imparcial e severo que pontifica em «O Mundo». Tenho visto muitas, mas a melhor deve ser uma que ainda não vi...

FELICIANO SANTOS—nosso querido camarada, brilhante humorista e secretario da A. C. T. T. A Dama das Camelias? E' contra os meus principios, no entanto preferi a Sorel, por ser comtemporanea da heroina...

BRITO ARANHA—juvenil e interessante critico do «Diario de Noticias»: De todas? Mas se eu tenho visto tão poucas...

LEITÃO DE BARROS—nosso director: Apesar de todo o mal que se disse, gostei muito como espectaculo de conjuncto, da adaptação de Norberto de Araujo e da interpretação de Amelia.

ALEXANDRE DE AZEVEDO—o grande actor. A «Dama das Camelias»?... Oh! meu amigo, fale-me nos «Duval»...

CORREIA DOS SANTOS—estimado critico de «A Capital»: Das duas duzias que tenho visto a melhor é a Sarah.

DR. RICARDO JORGE—ilustre emprezario do Teatro S. Luiz; Meu amigo, a melhor é sempre a ultima...

DR. FILIPE MENDES—ilustre governador civil de Lisboa: A melhor? Gostei muito desta...

ALVARO DE ANDRADE, ilustre chefe da redação do «Diario de Lisboa» e homem de teatro cheio de «aficion»: Mimi Aguglia! Mimi Aguglia!

ARTUR PORTELA, o critico mais discutido de Lisboa:

E' esta! Aguglia é a mais fiel e romantica das Gauthiers, a que melhor interpretou essa peça cuja beleza verdadeira consiste apenas em ter sido escrita por quem a viveu.

JULIO DE MACEDO, um dos nossos mais antigos conhecedores de teatro e frequentador fidelissimo de todos os bons espectaculos:

A que mais me impressionou foi a Sarah que era estupenda dentro da sua escola. Mimi Aguglia pareceu-me no entanto mais humana.

Finalmente, um conhecido «blagueur» fechou assim o inquerito:

Pois para mim foi a Julia Silva numa «tournée» ao Algarve...

QUEM É O POETA JOÃO?

Do misterioso poeta *João* que ganhou o nosso concurso teatral recebemos a espirituosa *carta-testamento* que a seguir publicamos gostosamente. Os leitores, como nós apreciarão o espirito, bem português e bem graciosioso desse curiossimo *anonimo.*

Lisboa, 16 de Junho de 1925,

Ex.mos Snrs. Directores do «Domingo Ilustrado».

E' o poeta João quem vos escreve. E esta carta provoca-a uma frase da local inserta no vosso ultimo numero acerca do «Concurso Teatral.» Diziam V. Ex.as, sobre o nome, estado, profissão e morada do poeta João, que esperavam não fosse este tão modesto que para sempre se escondesse e ocultasse da aparição solene e laureada de poeta vencedor de tal concurso.

Ora porque o poeta João não sabe o que é «modestia» e porque persiste na teimosia de certas chapas estragadas de se não deixar revelar tem a obrigação moral de vos dar a razão da atitude que toma.

D'ahi esta carta.

Chorem que eu tambem choro! O poeta João é um poeta casado, com mulher e com filhos. O poeta João é um poeta com sogra! Uma daquelas sogras que desde o dia em que lhe casei com a filha, á semelhança da Juliana do «Primo Basilio», anda á procura dum motivo, dum escandalo, duma carta para obrigar a filha a pedir o divorcio.

Ora V. Ex.as estão a vêr o que seria de desgosto para a minha pobre mulher, a minha querida Sofia, e de triunfo sarcastico para esse mastodonte a que chamo sorridente: a minha querida sogra, se soubessem, se vissem em letra redonda no jornal, que eu, Fulano de tal, empregado publico, morador em Alcantara, andava a fazer versos mais ou menos acalorados e picantes á Laura Costa e ás outras

Sim, porque tanto uma como outra são leitoras do «Domingo Ilustrado». E até, por sinal, quand veio ao noticia do prémio, como eu instintivamente me alegrass e lêsse os versos em voz alta confirmando terem muit pilhéria, logo a féra bradou: – Seu porcalhão. Isto não são coisas que um marido leia deante de sua mulher.

Se não são coisas que se leiam ... o que serão quando se escrevam.

Já veem que eu não posso desvendar o misterio. E que desgosto, Santo Deus! Que desgosto colectivo! Ficam os meus filhos sem saberem que teem um pai premiado. Ficam os meus amigos impossibilitados de me oferecerem um banquete de homenagem. Fica a Laura Costa privada de me poder mandar um bilhete postal ilustrado a agradecer. E fico eu não só sem poder receber o premio, que se calhar é qualquer coisa que me convinha, como tambem inibido de gosar a honra e o proveito de ser um poeta com muitissima piada.

Paciencia, seja tudo pelo amor da Familia.

E já que assim é, ahi vai o meu testamento literario com as disposições da minha ultima vontade acerca deste concurso:

Agradeço a V. Ex.as as palavras de conforto, incentivo e aplauso com que me distinguiram. Agradeço muito ao Jury, a quem não tinha entregue nenhuma carta de recomendação, a honra que para sempre ficará guardada no meu peito. Peço desculpa ao publico de não dizer quem sou. Peço mais a V. Ex.as que ponham o premio em exposição numa montra da Baixa para eu poder vêr o que era. E peço finalmente que, na noite da homenagem á Laura Costa, lh'o entreguem a ela em meu nome, a ela em quem votei e que o ganhou, dizendo-lhe como no «Pedro Cruel» de Marcelino Mesquita:

–Que sou eu que lh'o mando,
O João, e que não tardo.

Farão V. Ex.as desta carta o que quiserem. E creiam no infinito reconhecimento de

O POETA JOAO

Maria Victoria

A peça de actualidade, tão querida do publico, «Rataplan» com Laura Costa, a encantadora «divette», em multos numeros novos e sempre repetidos.

Folhetim do «Domingo Ilustrado» N.º 3

CAPITULO I

MENINA E MOÇA

De casa da Amelia Pereira passei para varias outras, andei a dias em casa de muitas familias e assim consegui aperfeiçoa-me na arte de esfregar casas e lavar roupa.

A's vezes, um tal Joaquim Simões, soldado de infanteria da guarda republicana, com quem passeava aos domingos no jardim do Campo Santana e que na casa onde eu servia, passava por meu primo, levava-me para a geral do Coliseu onde achava muita graça aos palhaços é admirava de boca aberta, aquela mulher que metia uma cobra viva dentra da garganta.

Lembra-me de que certa vez, o meu primo me levou ao Teatro do Principe Real a ver um drama que se chamava «Fidalgos e Toureiros». O que eu chorei nessa noite apesar do mau cheiro que estava, não se descreve! Fomos para a geral e ao ver o toureiro espetado pelo touro dizer coisas á namorada, chorei tanto, tanto, que os porteiros tiveram que por uma taboa, para os espectadores passarem sem molharem os pés.

Fui tambem uma vez ao Teatro da Trindade ver "O Barba Azul", e ahi pela primeira vez, senti que tinha nascido para ser uma grande artista!

Quando o "Barba Azul" cantava:

Sou o Barba Azul
Olé
Ser casado é meu filé!

Senti um baque tão grande no coração que não dormi toda a noite a pensar que era estrela. Naquele tempo porem, ainda não estava em moda as criadas de servir serem atrizes e por isso quando no dia seguinte acendia o lume para aquecer a agua para o banho da minha patrôa, as lagrimas cahiam-me as quatro e quatro pela cara.

Ora uma creada que servia na mesma casa, disse-me um dia, que isto de servir os outros não deixava nada e que alguem lhe tinha falado numa empreza mais decente, em casa duma rapariga sua amiga em Coimbra. Convidou-me para a acompanhar, e, logo eu disse que sim, por vêr na mudança uma forma de mudar de vida.

Fomos as duas para Coimbra e ahi encontamos a tal amiga que.,. (aqui peço licença ao leitor para abrir nma lacuna. A historia das pessoas celebres tem por vezes escuridões que a luz da publicidade não pode iluminar. Este periodo da minha vida é uma dessas escuridões, mas isso não deve importar muito ao leitor Tenho colegas que se encontram nas mesmas circunstancias. Se alguma delas um dia se resolver a meter iluminação não me importo de fazer o mesmo. Não direi que essa luz ao nascer será para todos como o Sol, mas estou certa que muita gente terá de pôr oculos pretos.)

Estive dois anos em Coimbra e o meu oficio ahi... era ser tricana em companhia da minha amiga.

Ao cabo d'esse tempo vim para Lisboa ser... lisboeta e data de ahi a minha primeira impressão séria do teatro.

CAPITULO II

OS PRIMEIROS PASSOS

Com o meu novo modo de vida, as facilidades aumentaram consideravelmente. Não faltava a uma peça e fui uma das que se apaixonaram pelo Henrique Henrique Alves que a esse tempo tinha cabelo.

Ia ao Dona Maria todas as semanas vêr o Brazão, a Virginia, o Ferreira; ia ao Trindade vêr o Queiroz e ao Avenida vêr a Dona Palmira Bastos que na *Pericole* fazia um grande sucesso. Sabia todas as musicas de cór e a voz que possuia quando vendia hortaliça, voltou de novo. Principiei a acalentar a esperança de um dia entrar para o teatro, e certa vez que fui apresentada na casa onde estava, ao então tenor Pedro Cabral, ele disse-me que me arranjava um logar no teatro da Rua dos Condes.

Quasi que estoirei de contentamento! Ia vêr emfim realisados os meus sonhos!

Representava-se então no "Rua dos Condes" uma peça chamada o «Cão do Inglez» e Pedro Cabral era o ensaiador. A seguir foi uma revista «O Nicles» (se bem me recordo) e, a novo convite de Pedro Cabral, apresentei-me no teatro.

Foi-me distribuido um papel de «dama da côrte» e o meu trabalho era pouco.

Não dizia nada, entrava de um lado com mais uma porção de «damas» punha-me ao fnndo de lança na mão e depois saía.

Ganhava por este serviço seis vintens por noite.

A primeira coisa que fiz logo que entrei para o teatro, foi tirar o retrato. Só depois soube que o que eu dizia actriz, não passava de uma banal figurante!

(Continua)

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

A MINHA CREADA MARIA

A historia de muitas creadas Marias, onde passa, com pitoresco, a vida duma «sopeira» de Lisboa, com tudo que tem de alegre e de pungente. Uma pagina de flagrante verdade.

João Chagas disse alguns dias antes de morrer: «Aos portuguêses faltam creadas». Poucas verdades são tão oportunas, tão flagrantes e tão tristes. A vida domestica, como a vida social, passa entre nós uma crise. Crise de governos —crise de «sopeiras»—e não se julgue que a segunda é menos grave do que a primeira. A casa é o estado de cada um, e entre a falencia dum e de outra, ninguem exitaria em preferir a segunda.

Ora, a verdade é que as nossas creadas, se ficaram na cultura e na estetica das antigas «Marias chegadas da provincia», traduziram de tal forma em calão as reivindicações sociais e actualisaram tanto os vencimentos, que—meus amigos!—é dificil chegar-lhes ao «coeficiente» de maneira que as contente! E assim, essa barca do lar que depois da guerra tão dificil é de governar, tem hoje no seu inferno de todos os dias, um diabo que cheira a cebola—a sopeira.

* * *

A madrinha duma prima de meu cunhado tem uma costureira que é de Fornos de Algôdres.

A minha mulher falou-lhe e a dita senhora importou directamente da terra — a «Maria».

A Maria chegou ás seis da manhã no comboio correio, entregue por um magala da terra ao revisor, no Entroncamento, como amostra sem valor —(tinha doze anos...), e fez-me perder a noite para a ir esperar. Maria vem chupada como um carapau, magra, tisnada, côr de batata. Traz uma ferida feia numa orelha, e no cabelo, empastado e duro como uma piassaba, ha crostas e herarquias de insectos varios numa tranquilidade anti-diluviana. A sua bagagem é um saco de palmo, um lenço, e meia brôa. Maria vem servir e quere sessenta escudos mensais.

A Maria, quando eu a encontrei no Parque Mayer...

* * *

Na primeira semana Maria foi desencardida, rapada, posta de salmoura, desinfectada, e por fim encadernada com decencia em roupas novas, que nós lhe fornecemos.

No primeiro mez, Maria aprendeu a varrer uma casa, a ir á mercearia da esquina, a limpar o pó, a ir abrir a porta, e tomou o habito dificil de lavar os pés.

No começo do segundo mez, Maria partiu-nos uma jarra de estimação, queimou-se, foi á botica e berrou toda uma manhã.

Tendo entornado um tinteiro sobre um «mapple» de veludo, minha mulher verificou e concluiu que pertencia ao grupo das «desastradas». Mas como (tal como os estadistas!) a que vier é peor—voluntariamente nos oferecemos ao sacrificio divino.

* * *

Maria mudou de penteado e comprou um «travessa de pedras finas». E' o primeiro alarme da cidade. Ao regressar a casa a horas desencontradas, encontrei-a. Vinha da carvoaria com uma alcofa de bolas, e o marçano da tenda dizia-lhe a primeira graça. A Maria sorria, feliz de lhe merecer aquela grosseria sensual.

No domingo seguinte pediu para ir ao animatografo com a «menina Ermezinda», creada do vizinho do 3.º andar. E foi. Ao almoço aparecera com papelotes e queimou-me os ovos estrelados.

* * *

São passados trez mezes. Maria está outra. Enformou. No seu peito outr'ora chato começam a desenvolver-se as primeiras graças da sua puberdade, e as suas curvas são mais ricas. Penteia-se de pastinha e cortou duas madeixas de cabelo á laia de borlas dos lados da cabeça. Lembra um cão de agua. Usa na mão esquerda um fantastico anel de massa côr de rosa e pedras verdes, que parece feito de sabonete. Trouxe-lh'o o marçano da tenda, do Senhor da Serra. Pediu augmento de ordenado e sai, domingo sim domingo não. Minha mulher deu pela falta dumas meias de seda, e não disse nada. Maria responde alto, e o impedido dum capitão da guarda republicana que mora defronte, derrete-se todo quando ela passa. Maria é feliz.

* * *

Fomos para fôra uns dias e Maria foi á terra.

A' volta vinha mais queimada e trouxe de presente um cesto com dois queijos azedos e uma duzia de maçãs verdes das que lá deitam aos porcos. Comemos por cerimonia e demos-lhe uma gorgeta.

Dias depois a mãe escrevia-lhe assim:

Maria

Estimo cau receberes esta tincontres de prefeita saude mais em companhia da tua senhora eu mais o Luiz o Arnesto e a Zorsina vamos bem grasas a deus Maria diz a tua cenhora ca cenhora da Prufiria já laumentou o ordenado e ca tu estás uma mulher e mureses mais Maria ça tua cenhora não quizer Maria precura casa que casas não faltam Maria sem mais desta que ça sina tua mãe

Maria

* * *

A rapariga ouviu ler a carta, e mordeu os beiços a fazer-se de novas. Quanto queres? Eu menos de cem saberá a senhora que não fico. A menina Ermezinda cá de cima está a ganhar 140 e a senhora bem vê...

Minha mulher escreveu á mãe, dizendo-lhe que não podia dar tanto. Fez-lhe notar que era uma casa seria e que era perigoso na edade da rapariga manda-la ao acaso para o primeiro anuncio que aparecesse. Da terra nem responderam, e a Maria, despediu-se num sabado, porque veio uma mulher da terra que a levou para uma «casa conhecida.»

Ficámos de novo sem creada.

* * *

Passou-se um ano. Num domingo, á saída da feira de Agosto vi a Maria, em cabelo, sombrinha no braço, mais mulher, com outra companheira e dois soldados.

Mascavam tremoço e desceram a Avenida, rebolando-se todos, ao som da musica no coreto.

A Maria ia triunfal, e lançou-me o bogalho do olho brilhante, e eu pude perceber que entravam no «Chantecler» em ruidosa pagodeira.

* * *

Mais seis mezes apenas e a Maria é ainda outra.

Encontrei-a então de side-car, no Dafundo, numa moto que trazia mais tres rapazes encavalados. Dias depois vejo-a sair dum club, com a saia por cima dos joelhos, e á noite, numa revista, surge-me imprevistamente a Maria, em odalisca, com a barriga á vela e toda em tules bastante orientais do Castelo Branco. Era uma mulher lançada.

Pintava a boca de encarnado, os olhos de azul e não tinha como outr'ora as unhas pintadas de preto.

Do pequeno bichinho de Fornos de Algôdres nada resta na «cocotte» do Monumental e do Parque Mayer, a não ser aquele dostume do «xim xenhor» e aquele mau habito de meter os pés para dentro.

A Maria cortou o cabelo, fuma bastante e até já uma rapariga franceza com quem tem andado lhe deu uma vez cocaina...

A Maria era assim quando chegou de Fornos de Algôdres...

* * *

Só hoje o «Diario de Noticias» me deu, logo de manhã, esta desconsoladora noticia:

GATUNAS DE FORASTEIROS

Num hotel para pernoitar á Rua dos Alamos, foi ha dias presa uma rapariga de vida facil, de nome Maria da Piedade, natural de Fornos de Algôdres e muito conhecida na vida alegre dos clubs de Lisboa, por, de combinação com a conhecida gatuna Micas Saloia, ali ter atraido um individuo do Ribatejo, que se foi queixar á policia, de ter ficado sem objectos de ouro no valor de alguns milhares de escudos. A Micas e a Maria da Piedade são hoje remetidas para juizo...

* * *

Cadastrada, conhecida já da policia, a «Maria de Fornos», gatuna de forasteiros, amante dum bombista, ladra e reincidente, retalhada a cara com um «beijo de amor», uma ruga precoce a envelhecer-lhe os olhos nas noites lugubres do Aljube—eis o fim desta minha creada Maria—eis o fim das nossas creadas Marias!

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

O 'Papillon' do 'Bristol-Club'

«Papillon» do Bristol uma pagina terna e sentimental da vida mundana dos clubs elegantes de Lisboa, onde passam figuras conhecidas. Interessa-lo-ha pelo pitoresco e pela verdade do entrecho.

—DÁ-ME licença que me sente á sua meza?

—Pois não! Tome qualquer coisa fresca!

—Sim! Só se fôr um «pipermin» com Agua Castelo! Faz tanto calor! Estou cançada! A dança dá cabo de mim! Você não dança, já reparei!

—Abomino essa coisa! Os outros dão-me tanta vontade de rir, que não quero que tambem se riam de mim!

—Já tenho reparado que você é triste!

—Para me distrair! Em compensação você é alegre!

—Eu!? As aparencias iludem!—e começou a mexer com a colher, o licor verde já diluido na agua mineral que levantava bolhinhas — Cada um sabe de si!

—Perdão, mas você distrae-se, dança, ri, graceja! Tem concerteza um rapaz de quem gosta...

Emquanto o Oliveira gemia o tango fatalista...

—Eu!? Não tenho ninguem!

—Bem sei! E' o costume!

—Juro-lhe que não! E se venho para aqui, acredite, não é para me distrair!

Reparei n'um rapaz de cabelo lustroso, boca marcada e tez morena que, junto de uma coluna, me olhava com insistencia. Apontei-lh'o.

—E' aquele o seu rapaz?

—Não! Já lhe disse que não tenho ninguem!

—Está a olhar tanto para nós!

—E' porque é parvo!

—Este ano anda por ahi muito d'isso! Mas dizia que não vinha cá para se distrair...

—E é verdade! Talvez julgue que gosto d'esta vida de Clubs?! Pois engana-se! Se cá venho é... comprehende que não se vive do ar!

—E é feliz?!

—Feliz!—e a rapariga suspirou—Os homens não sabem muitas vezes quanto sofremos! Feliz! A minha felicidade seria ter a minha casa, o meu lar!

—Então porque não tem?

—Sei lá!—e perdeu o olhar nos pares que ondulavam morbidamente, ao compasso de um tango morno, doentio,—Se o senhor soubesse! Se o senhor soubesse!

E os olhos embaciaram-se-lhe de lagrimas. Fez-me pena aquela rapariga de cabelos curtados, boca muito vincada de tinta, sobrancelhas rapadas em risco, cheirando a febre e pó d'arroz. Coitada! As unhas eram cuidadas mas o vestido tinha aquela côr exquisita do muito uzo. Trazia brincos falsos e, sobre a pele do pescoço, luzia um colar de perolas ôcas, imitação desgraçada de joia cára.

O rapaz que eu ha pouco notára, conversava agora perto de nós, com uma D. Tereza, uma simpatica fregueza do «Club» que uzava os cabelos pintados de loiro. E, emquanto o Oliveira gemia no violino o tango fatalista, puzme a observar o rapaz que tinha despertado a minha atenção e que, de quando em quando, me olhava de soslaio. Era um homem banal, banalissimo. Olhar apagado por aquela vida estupida de noites perdidas. Num dos dedos luzia-lhe nm brilhante explendido, que ele de quando em quando afagava, n'um gesto de delicia.

A rapariga chamou-me a atenção.

—Vê aquela pequena que anda a dançar com o Trigoso?

—Sei lá quem é o Trigoso!

—Aquela de chapeu vermelho! E' a Rosette! Para ela é que a vida é feliz!

—E para si?

—Para mim!? Se o senhor soubesse!

—Mas diga-me! Tenha confiança! Conte!

—Para quê? E depois, eu gostava tanto de ter um amigo! Ainda hontem a Rita me viu chorar!

—Mas porque sofre? Isto aqui é alegre! E todas as noites aparece um rapaz amavel!

—Ah! Sim! Amavel! Conheço-os bem! Riem-se de nós. O senhor sabe lá! A's vezes estamos aqui a noite toda, sempre a dançar, a rir, mas no entanto, cá dentro temos tudo escuro! Depois isto, mata e eu...

—E' doente?!

—Fui hontem ao medico! Disse-me que se não fosse já para fóra, que não respondia por mim! Ainda hoje de manhã deitei tanto sangue pela boca!

Senti um arrepio. A rapariga tinha umas olheiras profundas, negras de meter medo e, ao tocar-lhe nas mãos, senti-lhe um suor frio, desagradavel.

Sob o vermelhão dos labios adivinhava-se uma febre escaldante, perpetua. Tive pena.

—E porque não vai?

—O senhor fala bem! E onde tenho eu dinheiro?

—Mas se não pode ir para fóra, porque não se deita cedo? Evite cansaços, descance mais um pouco!

—Deitar cedo! Você não sabe que preciso de vir aqui sempre, porque senão... não tenho que comer no dia seguinte? Olhe hoje, por exemplo! Se eu me podesse ir deitar! Mas quê!? Amanhã tenho que pagar a pensão e não tenho cinco reis! Você fala bem! Estou aqui até de manhã sempre na esperança de arranjar dinheiro! A's vezes penso em matar-me, acabar com esta vida de inferno! Ainda alguns homens são delicados, mas outros! Muitas vezes, a cahirem de bebedos, agarram-se a mim e eu, porque preciso, porque não tenho ninguem, lá tenho que os suportar! Sentir-lhes a pele repelente, deixar que os seus braços me apertem fingir que os beijo, suportar-lhes o halito horrendo!—e a rapariga tinha lagrimas na voz—E depois d'esse sacrificio, que me espera? O meu quarto abandonado, onde nada é meu, onde tudo é alugado, onde uma gôta de agua, me é vendida. Meter a chave á porta e sentir o barulho da fechadura a bater dentro da alma, olhar em volta e só ver solidão, abandono! Ai! E' horrivel! Horrivel!—e uma tosse seca, raspante, tomou-lhe a garganta. Levou o lenço aos labios, olhou, respirou fundo com tristeza e disse—Triste vida a minha! Triste vida!

Nas suas palavras havia sinceridade, desesperança e muita amargura,

—Vá para casa—disse-lhe—Trate de si! Olhe pela sua saude!

—Como!? Preciso de ficar! Tenho de pagar amanhã a pensão!...

E ficou-se tristemente a olhar os pares que agora redopiavam rapidos, na rajada n'um «fox-trot» barulhento.

O rapaz do anel de brilhante, dançava agora com uma das muitas que ali vão, alegre e contente, levando quasi no ar uma rapariguita franzina.

—Ora diga-me—disse á rapariga que falava comigo e que agora estava olhando o copo de licor verde, n'um grande ar de dezalento—E' muito que tem de pagar na pensão?

—São cincoenta mil reis!—

—Ora! Isso depressa arranja! Mas porque não procura alguem que a ajude?

—Para quê? Alem d'isso os homens hoje só nos querem para nos explorar! E eu felizmente, até hoje... ainda não desci tanto!

Aquela rapariga compungia-me. Na sua amargura, na sua revolta, havia qualquer coisa de nobre que me sensibilisava.—Pobre flôr de pecado—pensei—De onde terás cahido que tão mal empregada és nesta vida!

—Se não fosse precisar de dinheiro—disse—já me tinha ido deitar! Sinto-me tão mal! Tenho uns arrepios de frio e precisava tanto de descançar!

—Mostre-me a sua bolsa!—disse-lhe.

—Para quê? E' velha! Não tem nada!—e abrindo-a—cartões, as chaves de casa, esta mascote que me deu a Elvira...

Eu tinha tirado da algibeira uma nota de cincoenta mil reis. Dobrei-a na algibeira e meti-lh'a na bolsa, dizendo:

—Desculpe! Assim já poderá ir para casa mais cedo!

—Oh! Muito obrigado!—disse a rapariga comovidamente—Muito obrigado!

—E vae já para casa?

—Vou! Vou já!

—Então adeus!

—Volta amanhã?!

—Não! Não posso! Mas vá já para casa, sim! Você está doente!

—Vou chamar a Fernandinha que ela móra lá para os meus lados, na Rua da Palma! Muito obrigado!

* * *

A Avenida áquela hora era triste. Das arvores vinha um perfume a verde que fazia bem. E eu passeava e pensava emquanta tragedia intima, ha por esses corações, tão alheia da nossa, mas muitas vezes mais cruel e impiedosa. Pobre pequena! Tão só, tão abandonada! E parecia ter tão boa alma!

Reparei que não tinha cigarros. Aquela hora está tudo fechado!

—Mau! Lá tenho que voltar ao «Bristol»! Se ela ainda lá está, é capaz de julgar que vou ver se sahiu! Ora! Contar-lhe-hei a verdade!—e dirigi-me para o «Club», porque sem cigarros, era-me impossivel ir para casa. Trepei

Já tenho reparado que você é triste...

até ao segundo andar em busca do «groom».

* * *

—E então?

—Ora! Contei-lhe a historia do costume!

—E ele?

—Deu-me cincoenta mil reis! Pega lá!

Afastei o reposteiro que encobria a porta a que eu estava encostado, recebendo os cigarros.

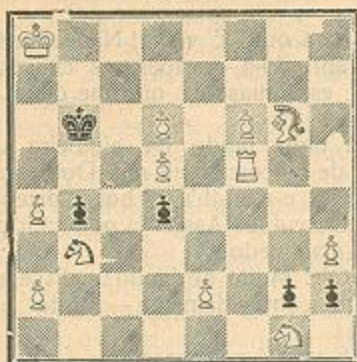
«Ela», a que me dissera que estava doente, estendia-lhe a nota que eu metera na bolsa e ele, o do anel de brilhante, guardou-a, com um sorriso esperto, na algibeira...

Xadrês

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 22

Por E. Ferber (França)

Pretas (5)

Brancas (12)

As brancas jogam e dão mate em tres lances.

—

Solução do Problema n.º 20

1 — D 8 T / R x P — 2 — D 8 C + / R — 3 — P = C / mate

1 — ... / R 3 B — 2 — D 1 T + / P 4 R ou R — 3 — C 5 T ou 2 C / mate

1 — ... / R 5 D — 2 — B 2 C + / R x P ou 6 R — 3 — D 4 T ou / C 2 C mate

(CONTINUAÇÃO)

Os principios adóptados hoje para compor os problemas e julgar do seu valor pertencem á segunda metade do seculo 19.

Na edade media não se apreciava senão os problemas de posições pesadas, singulares e de soluções longas e complicadas. E' sobretudo pela reunião de muitos temas que se caracterisa o problema moderno e depois de 1915 graças ao Good Companion Chess Problem Club (America) os dois lances sofreram uma tal transformação que se tornou indispensavel o conhecimento de um vocabulario tecnico especial para bem os compreender, apreciar e analizar.

Decifrações do numero passado:

Charadas em verso: Inesperadamente.
Charadas em frase: Regale—Corpoferario.

—

ENIGMA

Eu tenho muitos irmãos
Por esse mundo dispersos.
Todos vão pr'a onde eu vou
Mas por caminhos diversos.

Commigo segue caminho
Certa raça de viventes.
Soltos vão, e todavia
Vão levados por correntes.

REI DO ORCO

•

CHARADAS EM FRASE

A expressão apenas o torna falador—2—1.

BAETA

•

Na lingada e no Jardim Zoologico existe uma embarcação—1—2.

MILÊNA

•

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redação.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— E conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

Palavras cruzadas

(Continuação da pagina 2)

DECIFRAÇÕES:

Horizontalmente: — 1-li-3-Amelia-7-as-9-cré-12-ara-13-as-14-rupia-16-tu-18-hoc-20 arma-21-paz-23-cita-26-Saul-28-rã- 29-Agamemnon-30-pulaste-31-sós-33-ópa-34-ir-37-záz-39-sal-42 arcas-45-pai-46-dá-47-ela-48- af -49-rei- 50-apupa- 53-só-54-cri- 55-emc-56-gi-57-or-59-ah-60-não-61-orara-62-ora-64-lizo-66- aos -67-na-68-os-69- rãs -70-ano-71-cimos-72- te-73-Alemanha- 78- astro-83-aura-84-ui-85-D. C.-87-ali-89-ui-91-ao-93-acaecer-96-má-97-era-98-Susi-99-armas-100-rio.

Verticalmente: — 1-lá-2-ira-4- má -5-és-6-arcano -7 -apalpar-8-sir-10-ré-11-fuza-15-Amalia-16-tareia-17-vim-19-oso-22-ias - 23-casa- 24-te-25-am-27-os — 32 — goza — 35 — rez — 36 — Patagonia — 38 — Zéfiro — 39 — serena — 40 — alemão — 41 — laicos — 43 — crú — 44 — suarás — 45 — pastor -46 — de — 48 — ar — 51 — piram — 52 — porosa — 54 — China — 58 — case — 59 — ala-63 — rato — 65 — zola — 71 — chia — 74 — lua — 75 — Eros — 79 — má — 77 — nú — 79 — sais — 80 — ter — 81 — ri — 82 — vai — 85 — dar — 86 — cem — 88 — tão — 90 — ir — 92 — as — 94 — cá — 95 — cá — 96 — mi.

CINEMAS

OS FILMS DA SEMANA

Lorna Doone (Odio de morte)—Mauricio Fourneur, o grande cineasta a quem devemos esse grande film «a Ilha dos Navios Perdidos», tomou á sua conta realisar a bela lenda historica ingleza «Lorna Doone» narrativa cheia de poético encanto e de vehemencia a que o grande realisador prestou toda a sua competencia provando mais uma vez os seus grandes talentos. Madge Bellamay, entre outras vedetas, mostra-nos todo o seu talento e a sua fotogenia.

A Tormenta—Um film potuguês que já se pode ver sem grandes contracções do epigastro. Fotografia muito boa, enscenaçãosuficiente mas antiquada, argumento sopeiral e mal «decoupado» e um desempenho que podia ser peor atendendo á inexperiencia de todos. Maria Clementina, deslocada, deve porem ter o seu «emploi» na cinegrafia.

O Desejo de Vencer—Uma boa comedia com o actor irlandez Patt O' Malley, um verdadeiro «az».

Relicario do Toureiro—Um film espanhol como outro qualquer, com uma publicidade esperta baseando-se na colhida de «Algabeño» por um novilho o que é um acto de valor inutil á beleza estetica do film, que é absolutamente deficiente. De um mau gosto absolutamente «olim.ico» a bailarina a repetir no palco os superfluos bailados do film.

Kean—A mais fraca producão de Monspou kine mas contudo um bom film. Na sua lentidão, adivinha-se a má ideia de seguir a representação teatral da obra. Está ahi o seu maior defeito. Fotografias, decores e guarda roupa, expledorosos. Nicolas Koline, muito bem como sempre.

Os Palhaços—Parece impossivel que se exibi- no Tivoli, um tal mostrengo. E' ridiculo.

Plastigrama—Uns novos «Anaglifes» proprios de qualquer espectaculo ambulante de provincia.

Ao Polo Norte—Bom documentario mas muito parado, muito sobre fotos fixas.

Dama Monsoreou—Os cinematografistas de Aubert, trabalham com os mesmos processos dos enscenadores do «Film d'Art» quando eram «stars» Albert Lambert, Jaequinet, Graud etc. Teatro mau, mal transportado ao écran. Luxo ostentação, verdade historica.

E mais não digo, porque mais não vi.

ÉCRAN

PAGINA FEMININA

Carta de Paris

AS «TOILETTES» DE JUNHO

JUNHO, mez das rosas, traz-nos frescos, deliciosos vestidos: crêpes estampados, «voiles» transparentes, macios «foulards» e, sobretudo, quer sejam em algodão ou em seda, uma infinita variedade de «bouquets», de arabescos, de desenhos, que parecem dar leveza ao tecido. Vê-se, nas mais diversas gomas, do ferrugem ao purpura, do beije ao açafrão, um esplendor de côres alegres que farão maravilha ao sol. O branco, d'uma graça e d'uma mocidade invenciveis, nem por isso faz menos furor: quer seja usado liso, em «tioseda», em «prismecla», em «novécla», quer, pelo contrario, sirva de fundo a motivos floraes ou geometricos.

Com estes vestidos ligeiros, o chapeu pequeno pareceria um contra-senso—o que, de resto, não lhe faria mal. Parece, todavia, que se esforçam por dar-lhe grande voga, senão ao chapeu muito grande, um pouco desconcertante com os penteados actuaes, ao menos aos chapeus com abas largas, em palha de Bengala, ficam lindamente bem.

O papel de palha terá sido, esta estação, particularmente efemero, e o feltro nunca conheceu tal sucesso. Talvez que ele se preste melhor ainda com este genero pseudo-masculino, a essa simplicidade um pouco afectada, cujo estilo é, por vezes sem razão, muito elogiado.

Nas corridas tornou a vêr-se, e não sem prazer, sobre os vestidos estivaes, a «écharpe» d'avestruz, cujos panos flutuam nas costas, e o «colar» terminado por dois panos plissados em crêpe de China, atados em «écharpe» adeante. Combina-se assaz habilmente tambem, com os vestidos de «foulard» ou de crêpe estampado, «conjuntos para dois usos», que as senhoras praticas apreciarão.

Um casaco direito, forrado com crêpe de china ou «foulard», do qual se fará egualmente o vestido, compõe com este um «trez-peças». Bastará, em seguida, fazer, na fazenda escolhida para o casaco, uma pequena saia simples, para obter um efeito de «tailleur». Estas trez peças de vestuario, bem comprehendidas, permitem, pois, obter dois conjuntos muito distintos.

MULHERES POLICIAS

Miss Maud West dá abundantemente razão ao seu compatriota, o inglez Macready, quando este afirma que as mulheres poderiam empregar-se muito utilmente na policia secreta. Desde ha anos que esta mulher, de boa familia e naturalmente distinta, ocupa uma situação importante na policia londrina e acha o seu emprego emocionante.

—Creio, disse ela recentemente, que muitas mulheres são admiravelmente dotadas para o trabalho de policia secreta e, se quizessem seguir esta carreira, prestariam grandes serviços ao seu paiz. Em certo sentido, parecem mais proprias de que os homens para este genero de actividade. Nas coisas subtis, as mulheres ultrapassam os homens e, quando se trata de observar, o olhar feminino é muito melhor perscrutador do que o masculino.

E' preciso confessar, no entanto, que os disfarces não são o forte das descendentes de Eva; poderia supor-se isso á primeira vista: mas não é assim.

O vestuario masculino desperta menos atenção do que o feminino. Um homem pode meter um barrete ou um chapeu mole na algibeira e por uma transformação habil evitar que o reconheçam em certas circunstancias. Pode ainda postar-se a um canto duma rua sem atrair a atenção de alguem. Uma mulher despertará a curiosidade, ver-se-há sem duvida observada.

Mas ao contrario, transformar-se-he facilmente, ficando no seu dominio; arranjará cem personalidades diversas sem o menor custo; de mulher elegante transformar-se-ha em creada de quarto; cinco minutos depois apresentar-se-ha como irmã de caridade.

Isto, em verdade, é um dom d'actriz; mas muitas mulheres o possuem.

As questões de «chantage» são as que Miss West têm mais prazer em desfiar. Coisa curiosa: ela assegura que os criminosos em taes casos são quasi tão interessantes como as vitimas; a maior parte das vezes estas deixam desejar no ponto de vista moral e os outros são geralmente levados ao crime pela necessidade.

OS ALIMENTOS EM JUNHO

Junho não é precisamente um mez para «gourmets». A Natureza mostra-se n'este mez particularmente parcimoniosa: as galinhas e as demais aves são magras, a carne de boi tem pouco suco. A Natureza, em sua sabedoria, sabe o que faz: ela deseja que nós comamos com juizo.

A' porta do verão tudo nos inclina para um alimento sadio e não demasiado abundante, do qual seja excluido um regime exageradamente carnivoro. E' preferivel o peixe á carne.

Todavia, os ovos constituem um alimento de primeira ordem, facil de preparar. E actualmente já são um pouco mais baratos.

Daremos hoje indicações sobre «Ovos no prato»: estes ovos devem chegar á meza ainda muito quentes e a manteiga em que eles coseram deve estar ainda a ferver. Não se deve deital-os na vasilha onde hão-de coser senão quando a manteiga, ao aquecer, toma um tom escuro. Recomendamos que nunca partam os ovos directamente no prato, mas, mais á vontada, sobre um prato chato, do qual não haverá mais nada a fazer do que deixal-os deslisar na manteiga no momento de os coser.

Aconselho egualmente, para que eles cosam por egual, por de cima e por debaixo, metel-os no forno, para os retirar de lá logo que á superficie forme espelho. Não se deita sal nos «ovos no prato» senão depois de cosidos, ao servil-os.

CONSELHO UTIL

Com os excessivos calores do estio, é frequente que as creanças e as senhoras nutridas se «assem», como vulgarmente se diz. Para o evitar e tambem para quando as «assaduras» surgem e tanto incomodam, é muito util o uso intimo do «Talco perfumado Marya». Este produto é finissimo e preparado com as mesmas materias primas e nos mesmos maquinismos que os talcos americanos do mesmo genero, tão procurados e tão raros actualmente. Vende-se na «Perfumaria da Moda», Rua do Carmo, 5 e 7.

CELIMÉNE

TAUROMAQUIA

Realisa-se hoje pelas 5 horas uma corrida extraordinaria em que toma parte o notavel espada Algabeño com o seguinte programa:

1.º—José Casimiro.
2.º—Bandarilheiros
3.º—Algabeño a pé
4.º—Algabeño a pé e a cavalo

INTERVALO

5.º—José Casimiro
6.º—Algabeño a pé
7.º—Algabeño a pé e a cavalo

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

ONDE PARAM OS OSSOS DE BOCÄGE?

O leitor tem ouvido falar no Bocage, aquele boémio do seculo passado, poeta refilão, que levou a vida a fazer sonetos primorosos e a pregar partidas aos frades e ás saloias dos burros?

Pois é desse mesmo que se trata, esse do «Café das Parras» e do «Nicola», de que reza a cronica que, saindo uma noite, topou um mascarado que lhe apontou uma pistola aos peitos, perguntando-lhe quem era, donde vinha e para onde ia, ao que Bocage replicou:

Sou o poeta Bocage
Venho do Café Nicola
E vou já p'ró outro mundo
Se me dispara a pistola!

resposta que lhe valeu o poder seguir em paz para os braços da Gertruria ou de outra qualquer das por que andava a miude embeiçado e a quem dedicava sonetos.

Manuel Maria Barbosa du Bocage, como diz a estatua que á sua memoria erigiu a cidade de Setubal, foi no tempo, um dos primeiros poetas latinos, improvisador distintissimo, sonetista de primeira plana, cabendo-lhe a honra de marcar a verdadeira forma do soneto. Estudante da Academia de Marinha, andou pelas Indias cavalgando ilusões, tornando por fim á Patria onde, de mistura com fidalgos arruaceiros, frades da força de Agostinho de Macedo e fregonas baratas, levou uma vida de verdadeira boemia, ora dormindo ao relento com a barriga a zenir de fome, ora indo aos palacios dos nobres, mal posto e porcalhão, com as farripas tapando-lhe as orelhas e as fivelas dos sapatos cobertas de lama, a satirisar em quadras modelares, o sinalzinho duma sécia ou o narigão vermelho de qualquer corregedor.

Rebelde e orgulhoso Bocage jamais, se domou á vida burguesa que Nicolau Tolentino buscou para não morrer de

fome, e antes jantando quartos de marmelada no outeiro de Odivelas, a troco de meia duzia de glosas ou manducando pápas de milho, aquelas do celebre improviso.

P'ra que viva a cozinheira
Que tão boas pápas fez...

Iá levou o corpo aos baldões, fazendo e anedota e caricaturando tipos, até que um dia foi malhar com os ossos na cadeia, á ordem do Santo Oficio, que o tomou como hereje por causa dumas decimas em que se falava de *Liberdade.*

Como tinha talento e não perdoava ridiculos, Bocage, o Elmano Sadino da Arcadia, teve inimigos, oficiais do mesmo oficio, que a miude castigava.

Dizem que o Caldas glutão
Em Bocage ferra o dente...

e se não fôsse a protecção quasi piedosa dum tal D. Pedro, filho de casa rica, que lhe achava piada nos ditos e o metia á bulha com os *moscas* e fradalhões, passando-lhe para a mão o estoque dos acometimentos noturnos, Bocage, um dos primeiros poetas da peninsula, émulo de Quevedo y Villegas e de Bocácio, teria talvez acabado os dias em qualquer enxerga de hospital, esquecido e abandonado e, quem sabe? ele, que podia ter sido o Camões do seculo em que viveu, e que lá pelas terras distantes da India, visitou a gruta onde tantas horas passou o autor dos *Luziadas*, talvez sómente encontrasse a alvura dum lençol para embrulhar os ossos, prestes a enterrar.

Não o quiz, porem, a sua estrela que, dizia ter-se apagado quando ainda menino e, por uma tarde, passou a melhor vida, na sua casa da Travessa de André Valente, entre as lagrimas queridas duma irmã e a tristeza dezolada de alguns amigos, fazendo a sua confissão de crente no celebre soneto proferido no derradeiro suspiro:

Já Bocage não sou, á cova escura
Meu corpo vai baixa, desfeito ao vento!

E lá o levaram para o pequeno cemiterio das Mercês, ali quasi á porta, junto ao convento dos Caetanos, modestamente, com o Agostinho de Macedo a resmungar latim e os amigos chorando-lhe a morte.

Tempos andados, os cemiterios municipais vieram acabar com os enterramentos em sagrado e, um belo dia, o cemiterio foi vendido a quem mais deu, ou melhor empenho teve.

Levantaram-se predios, fizeram-se arruamentos mais alinhados e, entre os varios novos moradores, veiu um tal Sebastião, sujeito gordo e louro, tido por um bom cavaqueador e que se popularizou entre o vulgo, pelo «Sebastião do Pendão».

Nascera o apôdo do homenzinho levar todos os anos o estandarte da procissão do Senhor dos Passos da Graça, nas belas tardes do «burrié cozido» e do «tremoço saloio», em que o senhor bispo marchava de custodia erguida sob o pálio dourado de oito varas, com grande cerimonial de tropa e capas vermelhas.

O Sebastião alugou, pois, certa parte do terreno onde fôra o cemiterio, e ali montou oficina de pintura de carruagens, falada na época como especiaria digna de prosápias ilustres.

Com a bôa fama de cavaqueador alegre, reunia o Sebastião no escritorio da oficina uns tantos amigalhaços, que para ali iam falar de eleições e coscovilhices pacatas e, quando algum novo visitante aparecia, o «Sebastião do Pendão», dando á coisa um certo ar de notabilidade, levava-o a um canto da casa e dizia:

— Você sabe quem está enterrado aqui, por baixo dos nossos pés? O Bocage! Aquele que uma vez...

E aqui seguia uma anedota picante, com piscadelas de ôlho e geral galhofa dos ouvintes, que tinham o Bocage como um patusco de primeira, para largar uma piada nas bochechas do maior farcista.

Mestre Sebastião tinha uma certa basófia na prenda tumular que lhe coubera em sorte, e assim, era para ele grande vaidade vêr os amigos olhar a pedra lisa do sepulcro do poeta, com um certo respeito e admiração.

Ora um belo dia, o Sebastião, mau grado o frete possante do estandarte do saimento morreu como qualquer mortal, parece qne estoirado por congestão violenta e com ele a oficina acabou, tratando os herdeiros de passar a coisa a patacos.

Trespassou-se a casa, com o tumulo, passado historico e mais razões, por uns tantos mil réis, e o novo proprietario montou então uma vasta carpintaria, que ainda em nossos dias existe.

Ou porque o négocio fôsse rendoso

e se tornasse preciso ampliar a oficina ou por qualquer outra razão, lembrou-se o novo inquilino de tentar um subterraneo para maior alargamento das instalações e, daí, começar-se escavando o pavimento, sem se olhar a responsabilidades arqueologicas nem a respeito pelos mortos.

Iam as carroças carregar o entulho extraido e muito admirados ficavam os condutores de, á mistura com calhaus e tábuas pôdres, aparecerem craneos brancos como cera. alguns com restos de cabelos manchando-lhes as nucas e mostrando os dentes descarnados, na eterna gargalhada das caveiras.

E tudo lá ia pela travessa das Mercês aos solavancos, deixando cair de quando em quando tibias e humeros que, antes de serem atirados para a podridão das sargentas, andavam em mãos de garotos, que os batiam em grande algazarra, como troféus de selvagens canibais, numa estultice sinistra de dança macabra, emquanto os carroceiros, praguejando com as subrodas e com os machos, iam despejar toda aquela amalgama, nas obras do Aterro, ali para Santos, com o apoio das autoridades e a indiferença das Academias.

E os restos desse que foi um dos maiores poetas do seu seculo, e um dos melhores de quantos sonetistas têm aparecido em Portugal, para lá foram atirados tambem, de mistura com caliça e cacos de garrafa, no indiferentismo ignobil das gentes, servindo de entulho, como coisa sem valor e corrupta, que é mister deitar fóra!

Onde estão os ossos de Bocage?

No Aterro, acalcados sobre o saibro dos arruamentos, servindo de piso a carroças de carvão e suportando montes de lixo!

Pobre Manuel Maria! De que te serviu pedir á hora da morte:

..... Que o meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura!

HENRIQUE ROLDÃO

Jogo das Damas

Solução do problema n.º 21

	Brancas	Pretas
1	13-9	4-29
2	9-23	29-25
3	20-24	25-4 (a) (b)
4	1-6	4-29
5	6-10	29-4
6	23-30 (v)	4-29
7	19-12	28-19
8	12-26	31-22
9	30-25	22-17
10	25-4	17-13
11	10-15	

Ganha.

(a)

	Brancas	Pretas
3		25-29
4	1-6	29-4
5	6-10	4-29
6	23-30	29-4
7	30-26	31-22
8	10-15	1-18
9	19-12	28-19
10	12-23-14	

Ganha

(b)

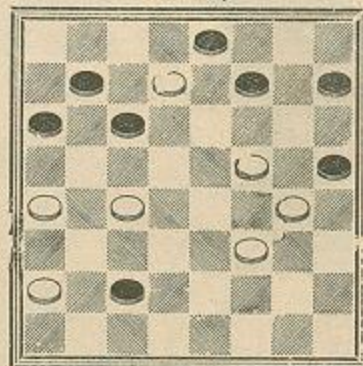
	Brancas	Pretas
3		25-30
4	1-6	30-21
5	23-30	21-3
6	30-21	

Ganha

Variante

	Brancas	Pretas
6	23-26	31-22
7	10-15	1-18
8	19-12 etc.	

PROBLEMA N.º 22

Pretas 8 p.

Brancas 7 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 20 os srs. Vntonio Néné Junior, Artur Santos, José Brandão, Lepoldo Sacramento (Ilhavo), Sueiro da Silveira, um aprendiz (Fa-Mi), Outro aprendiz (Foz do Douro), que nos enviou o problema hoje publicado.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», *secção do jogo ar‹ Damas.* Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

Actualidades gráficas

CINEMA

BUSTER KEATON (Pamplinas), o genial actor fleugmatico que, rivalisando directamente com Charlot, interpreta as novas super-producções da «Metro», exclusivas de J. Castelo Lopes — Lisboa.

CINEMA

MIA MAY, a excelente actriz alemã, protagonista do film de escandalo «Lavinia Morland» a estreiar em breve entre nós.

NOS TEATROS

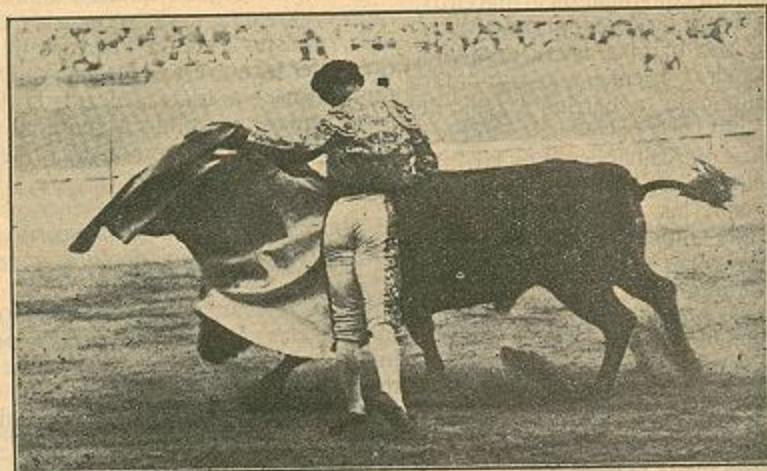
Conceição Silva, um dos emprezarios de espirito mais moderno e culto que dirige os novos espectaculos do Eden e orientará a futura exploração do Trindade.

NOS JORNAIS

AMELIA DE GUIMARÃES VILAR, ilustre poetisa portuense, auctora do «Meu Rozario», «Beijos Sadios» e outras obras, e hoje directora do brilhante jornal feminino «Mulheres do Norte».

UMA GRANDE ESTRELA DE MUSIC-HALL

AMALIA DE ISAURA, a celebre e notabilissima artista que acaba de obter em Paris os maiores triunfos, e que a empreza do Teatro de S. Luiz contractou para alguns espectaculos. Trata-se duma artista de fama mundial, rival de Raquel Meller e de La Goya, e que é famosa pelas suas canções comicas.

"ALGABEÑO" HOJE NO CAMPO PEQUENO

O formidavel espada que hoje toureia no Campo Pequeno, num dos seus «passes» colossais.

DR. JULIO DANTAS, notavel academico e homem de letras, presidente da direcção da nova Sociedade de escriptores e compositores teatrais que acaba de fundar-se.

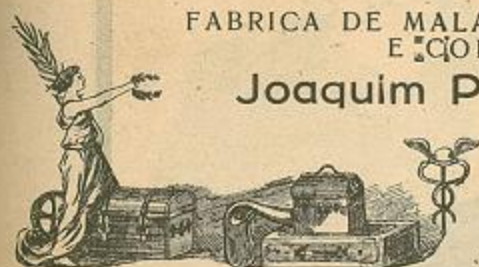
FESTAS ARTISTICAS

SANTOS CARVALHO, que ámanhã realiza no Teatro Maria Victoria a sua festa artistica com a celebre revista «Rataplan».

PUBLICIDADE

GRANDE RESTAURANT,
— DO —
Solar Alegria
ABERTO TODA A NOITE
SERVIÇO ESMERADO
56, Praça da Alegria, 56
LISBOA

DR. ANTONIO DE MENEZES
Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem
ORTHOPEDIA
Rachitismo—Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adulto;
ÁS 3 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º - LISBOA
TELEF. N. 908

MOBILIAS MAPLES
CARPETTES AOS MELHORES PREÇOS!
DO MELHOR FABRICO!
ARMAZENS OLAIO
36, RUA DA ATALAIA, 40
LISBOA

FABRICA DE MALAS, ARTIGOS DE VIAGEM E CORREARIA, DE
Joaquim Pereira Monteiro
11, PRAÇA JOSÉ FONTANA, 11-A
45, AVENIDA CASAL RIBEIRO, 47
Nesta casa fabricam-se toda a qualidade de malas, carteiras e bolsas para senhora.
Visitem os meus estabelecimentos
TELEFONE NORTE 5347

SOBRETUDOS DA MODA; CAPAS Á ALEMTEJANA; CASACOS; DE ALPACA:
CASA DAS TESOURAS
METE-SE PELOS OLHOS A VANTAGEM DE COMPRAR Fatos feitos CAPAS Á ALEMTEJANA SOBRETUDOS DA MODA na CASA DAS TESOURAS
51-51A RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA 53-55 — PERES & ABRANTES, SUC.^ES
FATOS FEITOS PARA HOMEM PARA RAPAZES FATOS DE KAKI CALÇAS FEITAS
R. Escola Politécnica, 51, 51 A, 53, 55

Loteria de Santo Antonio
Em 19 de Junho
Premio maior
1:800.000$00
Bilhetes a 500$00 e quadragésimos a 12$50. Cautelas a 9$00, 6$00 e 3$00. Pelo correio mais $80.
Pedidos a
CAMPIÃO & C.ª
RUA DO AMPARO, 116
LISBOA

OS APARELHOS FOTOGRAFICOS
"CONTESSA NETTEL"
CONTINUAM A BATER O RECORD DA PERFEIÇÃO.
GARCEZ, L.DA
Rua Garrett, 88
TRABALHOS PARA AMADORES

BREVEMENTE A
A Novela do DOMINGO

Coelho Duarte, L.da
CASA ESPECIALISTA EM LUNETAS, OCULOS, BINOCULOS E LORGNONS
Rua da Prata, 138 e 140
LISBOA

O DOMINGO ILUSTRADO
Aceita agentes em toda a parte onde os não haja

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
BANCO EMISSOR DAS COLONIAS
SÉDE:—LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA:—LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE:—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Farô, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.
FILIAIS NAS COLONIAS:
AFRICA OCIDENTAL:—S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga), S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.
AFRICA ORIENTAL:—Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane Moçambique e Ibo.
INDIA:—Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).
CHINA:—Macau.
TIMOR:—Dilly.
FILIAIS NO BRASIL:—Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.
FILIAIS NA EUROPA:—LONDRES 9 Bishopsgate E—PARIS 8 Rue du Helder.
AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS:—New York, 93 Liberty Street.

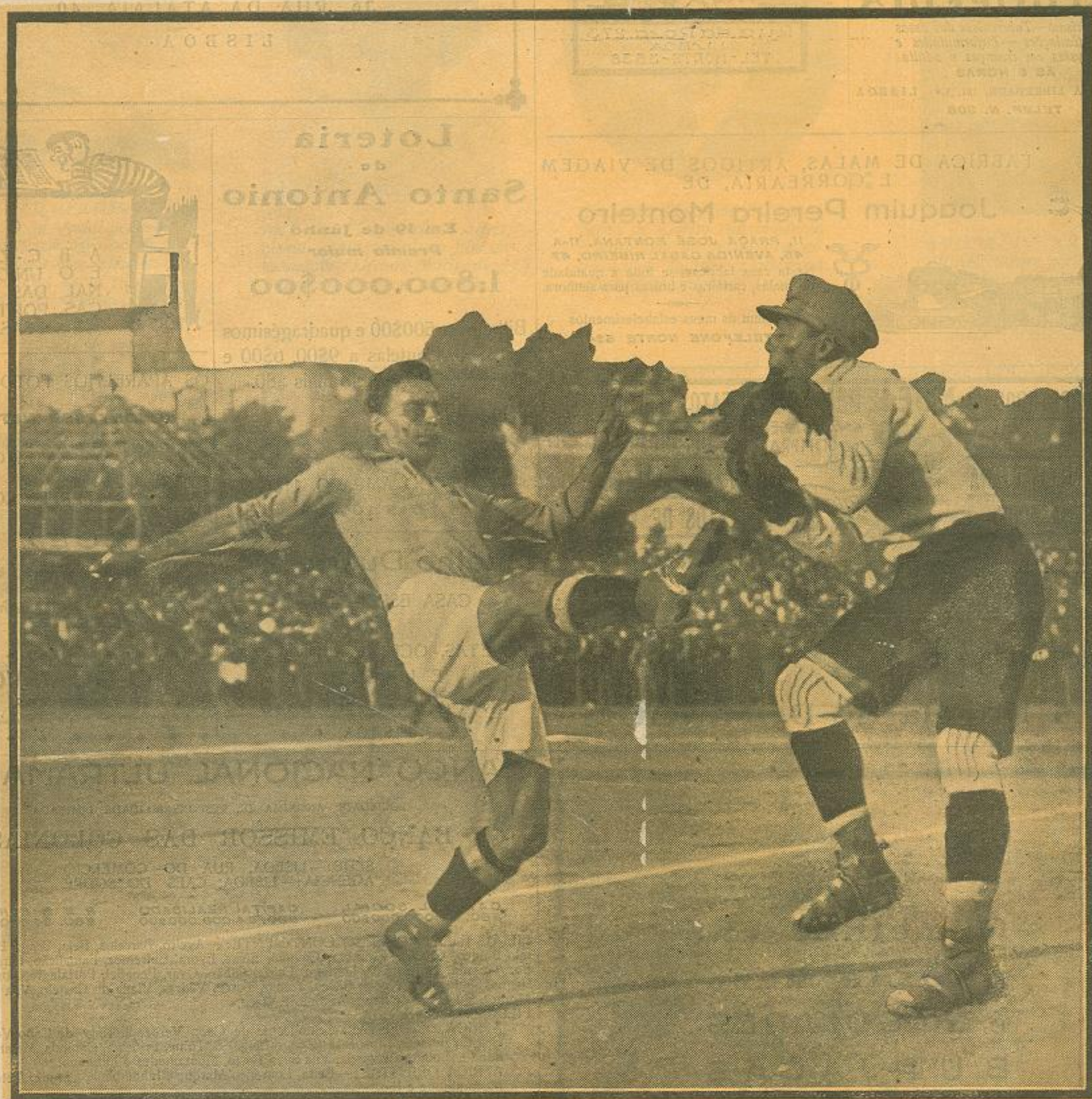
OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUESES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA

Uma das colossais defezas do "Chiquinho"!

O famoso "az" nacional Francisco Vieira, que o povo, com ternura, trata pelo "Chiquinho" teve brilhantes defezas no encontro Portugal-Italia. Este documento, o mais sensacional do grande jogo de 5.ª feira, mostra-o um lance dificilimo e arrojado com um jogador italiano.—*(Ciliché Raul Reis, expressamente feito para "O Domingo ilustrado„)*